



ESTUDOS DE LINGUAGEM E CULTURA

ISSN: 1517-7238
Vol. 13 nº 25
2º Sem. 2012
P. 255-270

**PROCESSOS DE NOMEAÇÃO E
IDENTIFICAÇÃO NO RELATO DA
PRIMEIRA VIAGEM AO REDOR DO
MUNDO DE ANTONIO PIGAFETTA¹**

**PROCESSES OF NOMINATION AND
IDENTIFICATION OF THE REPORT ON
THE FIRST VOYAGE AROUND THE
WORD OF ANTONIO PIGAFETTA.**

Benilde Socreppa Schultz ²

¹ Texto publicado parcialmente nos Anais do I Congresso Internacional de Pesquisas em Letras no contexto latino-americano e X Seminário Nacional de Literatura, História e Memória.

² Docente do colegiado do curso de Letras Português/Inglês/Espanhol/Italiano da UNIOESTE. Doutoranda no Programa Língua, Literatura e Cultura Italiana, da Universidade de São Paulo.

RESUMO: Nesse artigo pretendemos demonstrar a maneira como o viajante italiano Antonio Pigafetta descreveu as coisas e as realidades com as quais se deparou na primeira viagem ao redor do mundo, acompanhando a armada de Fernão de Magalhães. O diário da viagem de Pigafetta contém a descrição de objetos, fauna, flora, culturas que eram até então desconhecidas ao europeu: desse modo a descrição da coisa contém especificações tais que constituem por si só um enunciado enciclopédico. Para o viajante italiano não importa o referente linguístico, a palavra, mas sim todos os processos discursivos que a contém: a forma, o sabor, o aspecto, o uso, etc., de modo que o seu leitor possa visualizar, comparar, e até mesmo sentir a coisa descrita. Como afirma Nunes (1997, p. 16): "Nos relatos dos viajantes [...] temos um desencadeamento de processos de referências, dos quais resulta uma espécie de sintonização da relação entre palavras e coisas, incluindo-se aí mecanismos de nomeação, de tradução, de identificação, que se inserem nas formas narrativas, descritivas e dialogais dos relatos." Percebe-se que o significado da unidade lexical é explicitado mediante um percurso semasiológico que marca uma forte relação entre o conhecimento de mundo do viajante e o sujeito que o interpreta.

PALAVRAS-CHAVE: processos de nomeação; palavras e coisas; viajantes italianos.

ABSTRACT: In questo paper vogliamo dimostrare il modo in cui il viaggiatore italiano Antonio Pigafetta ha descritto le cose e le realtà che ha visto e vissuto nel primo viaggio attorno al mondo, seguendo l'armata di Ferdinando Magellano. Il diario di viaggio del Pigafetta contiene le descrizioni degli oggetti, fauna, flora, culture, che erano finora sconosciuti all'europeo: in questo modo, la descrizione della cosa contiene specificità tali che costituiscono per sé stesse un enunciato enciclopedico. Per il viaggiatore italiano, non importa il referente linguistico, la parola, ma si tutti i processi discorsivi che la contiene: la forma, il sapore, l'aspetto, l'uso, ecc., in tale modo che il suo lettore possa visualizzare, paragonare, e perfino sentire la cosa descritta. Come afferma Nunes (1996, p.3): "Nelle relazioni dei viaggiatori [...] abbiamo un avviamento dei processi di riferimenti, dei quali risulta una specie di sintonizzazione della relazione tra parole e cose, includendosi i meccanismi di denominazione, di traduzione, di identificazione, che si inseriscono nelle forme narrative, descrittive e dialogali delle relazioni di viaggio." Si osserva che il significato dell'unità lessicale è explicitato mediante un percorso semasiologico che segna un forte rapporto tra la conoscenza del mondo del viaggiatore e del soggetto che lo interpreta.

KEY-WORDS: processi di denominazione; parole e cose; viaggiatori italiani.

O início do século XVI marcou um intenso tráfico de caravelas pelos Oceanos Atlântico e Índico: havia quem viajasse

para o mítico *Mundus Novus* de Colombo ou para a terra pujante de Cabral, havia quem viajasse pelas costas já desbravadas e ocupadas da África Oriental e Ocidental, ou quem ia até a Índia: todos tinham para contar sempre uma nova e verdadeira Odisseia. Os relatos de viagens escritos até então atizavam a imaginação e despertavam em muitos o desejo de aventurar-se nesses países exóticos e poder vivenciar e contar experiências e assim poder passá-las à posteridade.

Esses intrépidos comandantes de navios, marinheiros, grumetes, religiosos, escrivães, comerciantes, viajantes, sujeitos a todas as intempéries, perigos, misérias, fome, o faziam sem ter medo de nada, muitas vezes somente pelo prazer de conhecer outros povos, outros lugares. Outras vezes pela necessidade ou movidos pela ambição, pela possibilidade de um comércio promissor, que os poderiam tornar ricos. Outro motivo que impulsionava a viajar, além da aura de glória que poderia se revestir o autor quando do seu retorno à pátria e da publicação dos seus relatos, seria ter o seu nome inscrito no panteão dos grandes viajantes que marcaram a história: tornar-se quem sabe, um novo Marco Polo ou Jean de Mandeville.

Antonio Pigafetta, viajante italiano, diz que decidiu realizar o seu desejo de “ir ver aquelas coisas que poderiam me dar alguma satisfação, e que pudessem dar-me algum nome junto à posteridade”, dedicando o seu diário ao papa Clemente VII e aos seus leitores, oferecendo “nesse meu livrinho, todas as vigílias, fadigas, peregrinações minhas.” (PIGAFETTA, 1929, p. 72).

Ítalo Calvino, no seu livro *Città Invisibili* (Cidades Invisíveis), ao descrever a hipotética Eufêmia, a cidade do mercantilismo, diz que o que move os mercadores das nações que ali chegam durante todos os solstícios e equinócios, não é somente o vender e o comprar: o que os inspira a subir rios, atravessar desertos, enfrentar as maiores dificuldades é o fato que:

[...] à noite, todos ao redor das fogueiras ao redor do mercado, sentados sobre sacos ou sobre barris, ou deitados sobre pilhas

de tapetes, a cada palavra que um diz como “lobo”, “irmã”, “tesouro escondido”, “batalha”, “sarna”, “amantes” outros contam cada um a sua história de lobos, de irmãs, de tesouros, de sarna, de amantes, de batalhas.”³ (CALVINO, 1972, p.43)

O ato de mercadejar é, em Eufemia, um motivo secundário, está subentendido nele a comunicação autêntica, que aflora pelo ato da palavra. A palavra vista e trabalhada à beira do fogo, passa a ter na voz do viajante, aspectos distintos, adquire tonalidades e sentidos antes não percebidos, e que, exposta à luz nos escritos, desabrocha em relatórios, cartas, diários de viagens, de forma a movimentar a imaginação do seu leitor.

Ler um diário de viagem é mergulhar em um mundo real, mas também imaginário, pois se está sujeito à cosmovisão do viajante que, pela escrita, conta o que vê, mas ao mesmo tempo mostra a própria sua própria identidade, desnuda o seu caráter. Os relatos de viagens sempre foram um gênero que marcaram pela sua capacidade de estabelecer relações com diversas áreas do saber, da geografia à cosmologia, da história à etnografia, da biologia à antropologia, à linguística, apenas para destacar algumas. Entende-se essa capacidade interdisciplinar de um relato de viagem ao ler a obra de um oficial da Armada de Fernão de Magalhães, Antonio Pigafetta, intitulada *Relazione del primo viaggio attorno al mondo* (Relato da primeira viagem ao redor do mundo, 1929), que transita, mesmo que não cientificamente, por todas essas disciplinas.

A primeira viagem de circunavegação, feito considerado inicialmente uma loucura para a época, teve o seu germe na afronta feita pelo rei de Portugal Dom Manuel I a um seu servo dedicado, Fernão de Magalhães, que após ter trabalhado arduamente pelo seu país, lutando no Marrocos, viu seus diversos pedidos negados pelo rei. Magalhães considerava que merecia uma pensão melhor, a *moradia* (pensão paga para fidalgos, cf. Aulete Digital) e que o rei o apoiasse na sua idéia de descobrir

³ Todas as traduções das citações de autores italianos são de nossa autoria.

um caminho alternativo para as famosas ilhas das Especiarias, que todos sabiam que existiam, mas cuja localização era ainda uma incógnita. Desiludido e ainda acusado de traidor por D. Manuel e pelos seus pares, o bravo marujo apresentou-se ao jovem e ambicioso rei da Espanha, Carlos I, e após jurar fidelidade à coroa espanhola, conseguiu do rei autonomia para organizar e equipar uma armada. A reação do rei português foi imediata, mandando embaixadas para que o dissuassem, prometendo regalias, e no fim, ameaçando familiares de Magalhães. Nada disso dissuadiu o “homem sem país”, pois o navegador “havia renunciado formalmente à sua lealdade ao rei D. Manuel e a oferecido ao rei Dom Carlos.” (BERGREEN, 2004, p.59).

Entre a tripulação da armada de Magalhães encontrava-se Pigafetta, que nessa época servia junto ao embaixador do papa Leão X, Andrea Chiericati, na Espanha. Ao saber da expedição, imediatamente pediu exoneração do seu trabalho e se alistou na armada. A aventura do jovem italiano começa quando Magalhães o toma como seu criado pessoal e o encarrega de escrever não o diário oficial de bordo, que era obrigação do escrivão-mor, mas sim um diário mais pessoal, uma espécie de cronista oficial, contando o que aconteceria durante a expedição.

Pigafetta deixou claro no seu relato a admiração incondicional que tinha pelo capitão-mor da frota. Assim como a fidelidade de Magalhães ao rei da Espanha era ilimitada, do mesmo modo era a de Pigafetta a respeito do seu superior imediato. Quando da morte deste em uma emboscada, escreve:

Espero [...] que a fama de um tão generoso capitão *não deva ser extinta nos nossos tempos*. Entre as virtudes que possuía, era o mais constante na sorte, mais que qualquer outro no mundo: suportava a fome mais que todos os outros, e *sabia ler mapas e navegar*, e se isso era verdade, e se vê verdadeiramente, ninguém teve tanta inteligência e desejo de dar a volta ao mundo, como ele já havia dado. (PIGAFETTA, 1929, p. 167, grifos nossos)

Esse gênero de escrita estava começando a ter sucesso na Europa, a partir dos escritos de viagens de Colombo, Américo

Vespúcio, Cadamosto, Ludovico Varthema, Nicolò de Conti e outros. Foi a partir da tradução e publicação em italiano de relatos de viagens de portugueses em 1507 por Francesco Montalboddo, intitulado do *De la navigatione de Lisbona a Callichut, de lingua Portugallese in Italiana* (Sobre a navegação de Lisboa a Calicute, da língua Portuguesa na Italiana) que esse tipo de publicação começou a se difundir na Itália. Nessa publicação consta a primeira e única versão conhecida do Relato do Piloto Anônimo, que juntamente com a carta de Cabral, dá o testemunho da descoberta do Brasil.

O relato de Pigafetta, publicado pela primeira vez em 1525, serviu para reabilitar a imagem de Magalhães perante o mundo, pois nele, o escritor italiano conta detalhes da viagem que não constam no diário oficial. Este dava realce aos capitães espanhóis, que subestimaram a verdadeira capacidade de comando e inteligência de Magalhães, mas esqueceram-se do fiel escudeiro, que reabilitou o português perante o mundo. Bergreen define assim o relato de Pigafetta:

Ele (Pigafetta) levou a sério o seu papel de cronista oficial da expedição, e o seu relato estava repleto de detalhes botânicos, linguísticos e antropológicos. Mas havia mais nesse documento do que detalhes descritivos; era um relato notavelmente humano e compassivo, escrito em um tom singular, ingênuo e culto, pio e obscuro. Das poucas crônicas genuínas de terras estrangeiras da época, somente a de Pigafetta preservou momentos de auto-reprovação e humor, somente essa revelou os temores, alegrias e ambivalência verdadeiros sentidos pela população. A sua narrativa antecipa uma sensibilidade moderna, na qual duvidar de si mesmo e fazer revelações têm uma função. (BERGREEN, 2004, p. 79)

Contudo, pode-se examinar o relato de Pigafetta focando-o sob outros aspectos: é, sobretudo, um documento histórico, geográfico e etnolinguístico. Histórico, pois descreve uma parte da história, que a partir da primeira circunavegação, mudou completamente a concepção do mundo que existia até então; geográfico, pois desenhou pela escrita o mapa de países,

ilhas, rios e mares novos; etnolinguístico ao descrever hábitos, usos e costumes de povos autóctones e linguístico, pois o autor teve a percepção da importância que representava o falar dos povos que conheceu, anotando uma parte de seu léxico em pequenos glossários. Registrou palavras de povos indígenas que conheceu, descreveu sua cultura, e apresentou coisas e realidades até então pouco ou nada conhecidas ao europeu.

É assim que o seu leitor toma conhecimento da existência dos pinguins da Patagônia, cujo nome científico foi uma homenagem à Magalhães (*Spheniscus magellanicus*). Eram tantos “que não se poderia contar o grande número desses gansos. Em uma hora encheríamos as cinco naves”, e descritos da seguinte maneira: “esses gansos são negros, e têm todas as penas de um só modo tanto no corpo como nas asas: não voam e vivem de peixes. [...] Possuem o bico como um corvo.” (PIGAFETTA, 1929, p. 89).

Ao se enunciar uma palavra, não é somente a sua forma linguística que conta, mas todas as analogias que remetem à memória do que ela contém, desencadeando-se uma série de processos que descrevem o conteúdo semântico-conceitual do objeto descrito. No exemplo exposto acima, o referente linguístico ainda não existe para o autor, contudo ao definir o objeto, o faz valendo-se uma série de referências empíricas e subjetivas: compara o pinguim ao pato, talvez pela semelhança do andar desengonçado de ambos, ou porque não exista outra ave cuja semelhança, no seu conhecimento de mundo se aproxime à imagem do pinguim. Para Nunes,

Nos relatos dos viajantes (...) temos um desencadeamento de processos de referências, dos quais resulta uma espécie de sintonização da relação entre palavras e coisas, incluindo-se aí mecanismos de nomeação, de tradução, de identificação, que se inserem nas formas narrativas, descritivas e dialogais dos relatos. (NUNES, 1997, p.3)

Falando sobre os nomes dados às coisas do Brasil, Nunes considera, ainda, que os viajantes escritores quando nomeiam uma nova realidade, “procedem por analogia entre o nunca

visto aqui e o já visto ou que já se ouviu dizer em outro lugar” (NUNES, 1997, p. 73). Ao descrever o que vê para o seu leitor, aciona uma série de conceitos já conhecidos, mas também a realidade intelectual do próprio escritor. Ao nomear um objeto, ativa uma sucessão de percepções cognitivas representadas por uma série de características funcionais e estruturais que se baseiam em suas experiências sensoriais e representacionais da sua realidade. Biderman afirma que “o homem desenvolveu uma estratégia engenhosa ao associar palavras a conceitos, que simbolizam os referentes” (BIDERMAN, 2001, p.14). Se o viajante entende mais de astronomia, nesse campo as descrições se aproximarão mais dessa ciência, se o seu conhecimento é mais comercial, descreverá mais as mercadorias a serem negociadas e assim por diante. Pode acontecer que o viajante possua uma cultura mais humanística, de modo que a sua descrição reincidirá sobre a cultura, língua, povos, etc. Quanto maior for o seu entendimento da coisa descrita, maior é a capacidade de converter o visual em imagem mental aproximando-o, ao descrevê-lo, muitas vezes do real. Gonçalves & Murakawa discorrendo sobre o missionário viajante Pe. Cardim afirmam:

Baseado no contato direto com referentes novos ou desconhecidos, naquele texto o missionário exhibe seus dotes de fino observador do reino animal e vegetal, usando fórmulas linguísticas que nos permitem visualizar o descrito quase sem necessidade do desenho. [...] A julgar pela quantidade e qualidade informativa, tais definições de animais como de plantas são frutos da observação e experiência diretas, uma vez que descrevem as características observáveis no referente linguístico para então defini-lo. GONÇALVES & MURAKAWA (2007, p. 237).

A comparação é a maneira mais fácil que o viajante encontra para descrever o que vê, “corporificando” a coisa descrita e utilizando-se de palavras do patrimônio de sua língua que identifiquem o referente. Nunes considera que nos relatos, descrever algo é aproximá-lo ao máximo do seu campo

semântico, “verificar se ele se parece com uma maçã, uma pera, uma cereja. É também associar a sua proximidade com outros objetos: ele pode ser redondo como uma moeda, grosso como a coxa de um homem, ter a forma de um punho” (NUNES, 1996, p. 83). Ao descrever o objeto, o viajante emite uma série de conceitos que hoje se propõem como uma definição enciclopédica, mas que nos primeiros dicionários configuravam como definição lexicográfica. Apenas para exemplificar tomamos como modelo uma parte do verbete Cravo da Índia, do dicionário Bluteau, de 1789. Nele vemos todos os processos de descrição dos quais falam os teóricos estudados:

Cravo da India. Especie aromatica, a que muytos erradamente chamão em Latin *Caryophyllum*, como palavra de Plinio Hutor. poito que não se acha tal palavra no dito Author, mas bem si *Carpobolium* em outro sentido no cap. 20 do liv. 15. Nós lhe chamamos *cravo* pela semhança, com os que nos servem de cravejar, tendo o seu nome nas libas de Maluco, donde nasce, *chaque*. São as arvores, ou craveyros, que o dão grossos, grandes, pontagudos, os ramos, que lanção, muytos, mas todos delgadas; as folhas tirão ás de loureyros, & também cheyrão, fe as quebrão, & na bocca requynão. A madeyra he forte, & de muyta dura. Vem o *cravo* em cachos, como murtinhos; gerafe no meyo da sua flor, della cahe, quando he maduro, quãdo a côr he roxa, a qual perde, & troca com a cinzenta, ou negra, quando o poé a fcecar ao sol, ou ao lune depois de citar de molho em agoa do nar. Nascem os craveyros sem beneficio algum de agricultura, & são rão quentes, que attrahem a si toda a humidade da terra, sem deyxar criar planta alguma, nem eva ao redor de si, deforte que para fcecar hü

arvoredo epeffo de qualquer outro nato, o mais facil renocio he plantar huma estaca de *cravo* no meyo delle. Também há *cravo* nos lhos de Ires, & Meitarana, que estão junto a Ternate, & outros vezinhos a Tidoré, & ainda em Geilolo, & algum em Amboino; mas o melhor somente o tem as cinco libas Malucas. *Caryophyllum*, (como já tenho dito não he o seu proprio nome Latino, mas hoje se chama assi tem fe fabric porque; pois *Caryophyllum* he nome Grego, que vai o mesmo, que *Folha de Nogueira*. Cravo, que nasce no roffo. Especie de borbulha com raiz. *Clavus*, i. *Masc. Corn. Celsi*. Com este mesmo nome *Clavus* se pode chamar o *cravo*, que he hum mal, que vem aos falcoens. Aos falcoens nas plantas, & folas dos pés fe fazem humas boitellinhas do tamanho de *cravos* pequenos, pelo que tem este nome. *Arte da caça*, pag. 67. vers. Também aos homens nascem *cravos* nos pés, que são especies de callos. E isto propriamente he, o que Celfo no livro 5. cap. 28. chama *Clavus*, i. *Masc.* Os *Cravos*, & callos, são tumores duros, & redondos, que ordinariamente fe fazem nas plantas, & dedos dos

Uma das estratégias mais comuns utilizadas pelo viajante para descrever um objeto no processo comparativo é com o emprego do advérbio como, traçando um paralelismo entre o desconhecido e o conhecido:

- 1) “Possuem o bico como um corvo.” (PIGAFETTA, 1929, p. 89).
- 2) “[...] essas batatas são ao comer como castanhas e longas como

nabos" (op.cit. p. 83);

3) "A árvore (noz-moscada) é alta como as nossas nogueiras, com as mesmas folhas." (op.cit. p. 117);

4) "Por timão usam certas pás, como as de forno, com uma madeira em cima: [...] e são como os delfins ao saltar na água de onda em onda." (op.cit. p. 119);

5) "Abaixo dessa tem um miolo branco, grosso como um dedo" (op.cit. p. 120).

Outro recurso bastante recorrente é a descrição das propriedades fisiológicas do objeto: como o objeto descrito é utilizado, quais as suas principais características. Essa descrição envolve uma série de significações, geralmente com o uso de perífrases que detalham o tamanho, a forma, o cheiro, o gosto, desencadeando uma relação com o mundo extralinguístico, relacionados aos referentes visuais, olfativos e gustativos do leitor e do próprio escritor. Nesse estratagema, geralmente o viajante usa na construção da definição verbos, substantivos e adjetivos:

1) "Possuem barcas feitas de uma só árvore, mas bem delineadas, chamadas canoas, escavadas com utensílios de pedras." (PIGAFETTA, 1929, p. 84);

2) "Fazem pão redondo branco de miolo de árvore, não muito bom, que nasce entre o caule e a casca e é como ricota." (op.cit. p. 86);

3) "[...] onde pegamos grande quantidade de galinhas, batatas, pinhas muito doces, realmente o melhor fruto que exista." (op.cit. p. 86);

4) "A porcelana é uma espécie de terra branquíssima e fica cinquenta anos embaixo da terra antes de usá-la, pois de outro modo não ficaria fina." (op.cit. 191);

5) "Quando nascem, os cravos são brancos, e quando maduros são vermelhos, e quando secos, são pretos." (op.cit. 218);

6) "Essas aves (ave-do-paraíso) [...] têm a cabeça pequena com o bico comprido; as suas pernas são longas um palmo e finas como o cálamo." (op.cit.p. 230).

Para melhor entendimento do leitor, o viajante também

se vale de uma espécie de tradução do termo, servindo-se de verbos que signifiquem, interpretem ou expliquem o significado. A tradução por equivalência, quase não ocorre, mas a explicação juntamente com a sua nomeação na língua original é a mais utilizada, valendo-se de fórmulas tais como “os portugueses chamam” ou que “na língua dos índios”. A técnica mais utilizada nessa espécie de tradução é a demonstrativa e comparativa, com a utilização de verbos tais como: ser, chamar, parecer, quer dizer.

1) “[...] seguissem a sua (nave) com um lume grande de madeira, que chamam de farol, que levava sempre pendente à popa da sua nave.” (PIGAFETTA, 1929, p. 74)

2) “São como as fustas (tipo de embarcação), mas mais estreitas; algumas negras, brancas e outras vermelhas.” (op.cit. p. 118);

3) “[...] parece como um véu de seda crua (tecido feito de fibra), com certos filetes dentro que parece seja tecido.” (op.cit. p. 220);

4) “A planta dessa canela é alta três ou quatro côvados [...] Chamam-na (os indígenas) *caiumana*, *caiu* quer dizer madeira, e *mana* doce, isto é, madeira doce.” (op.cit.p. 198);

5) “O vinho de arroz é claro como a água, mas tão forte que muitos dos nossos se embriagaram; e o chamam *arach*.” (op.cit. p. 183).

Ao explicar algumas coisas e realidades ainda desconhecidas, o viajante se depara com dificuldades em elaborar a uma explicação clara, de modo que se vale de termos que transmitem alguma indefinição, geralmente caracterizada pelo pronome indefinido certo:

1) “A sua primeira casca è verde e grossa mais de dois dedos na qual se acham certos filetes que fazem as cordas com as quais amarram as suas barcas.” (PIGAFETTA, 1929. p. 121);

2) “Existem certas pombas, rolas, papagaios e certos pássaros negros, grandes como galinhas, com a cauda longa.” (op.cit. p.138);

3) “Trazem os cabelos no alto com certos pentes de bambu

comprido, que os transpassam de parte a parte e os mantêm altos.” (op.cit. p. 252);

4) “Os seus arcos e as suas flechas são de bambu; possuem certos sacos, feitos de folhas de plantas, nos quais suas mulheres levam o seu comer e o seu beber.” (op.cit. p.252);

5) “E como os jovens de Java, quando estão enamorados de alguma bela moça, amarram certas campainhas entre o membro e a pelezinha, e vão embaixo da janela das suas amadas.” (op.cit. p. 258);

Em muitos casos o viajante coloca na conceituação do objeto a sua maneira de pensar, que tem muito a ver com o ser europeu, e, por conseguinte, considerar-se de uma cultura superior. Essa visão preconceituosa, na maioria das vezes, não atenta para toda uma história passada, anulando e desvalorizando a cultura do indígena. Ao contrário do que acontece com grande parte dos relatos dos viajantes, na obra de Pigafetta encontram-se pouquíssimas passagens onde o autor faz valer a sua opinião, e quase sempre é isento de juízo de valores, respeitando muito a cultura do outro.

1)[...] com rodas grandes no traseiro (enduape) feitas com as penas maiores, coisa ridícula. (PIGAFETTA, 1929, p.85);

2) Abaixo dessa, tem um miolo branco, grosso como um dedo, que comem fresco com a carne e o peixe, e tem o sabor da amêndoa. Quem a secasse faria pão. (op.cit. p. 121);

3)São bonitas, delicadas e brancas mais que os homens, com os cabelos espalhados e longos, negríssimos, até o chão. (op.cit. p. 118);

4)Essas mulheres são feias, e andam nuas como as outras, com aqueles tecidos feitos de casca de árvores. (op.cit.p.220).

Muitas das definições de coisas e realidades novas possuem um caráter enciclopédico, incluindo quase todas as estratégias linguísticas e extralinguísticas de referenciação explicitadas acima. Um bom exemplo dessa definição tem-se quando Pigafetta descreve a planta do cravo, especiaria vendida na Europa a peso de ouro:

No mesmo dia fui à terra para ver como nasciam os cravos. A planta sua é alta e grande como um homem de lado, nem mais nem menos: os seus ramos [se] expandem um pouco largamente no meio, mas no alto o fazem em modo de um cume. A sua folha é como aquela do louro: a casca amarronzada. Os cravos nascem em cima dos ramos, dez ou vinte juntos. Essas árvores produzem quase sempre mais de um lado do que de outro, segundo os tempos. Quando nascem, os cravos são brancos, quando [estão] maduros vermelhos, e secos são pretos. Colhem-se duas vezes ao ano, uma na natividade do nosso Redentor, a outra na de São João Batista, porque nessas duas datas o clima é temperado: mas [colhe-se] mais naquela do Nosso redentor. Quando o ano é mais quente e com falta de chuva, colhem-se trezentos e quatrocentos *bahar* em cada uma dessas ilhas (Pigafetta refere-se às Ilhas Molucas) Nascem somente nos morros, e se alguma dessas árvores forem plantadas na planície perto dos morros, não sobrevivem. A sua folha, a casca e a madeira verdes são tão forte como os cravos (o odor). Se não se colhem quando são maduros, tornam-se grandes e tão duros, e é boa somente a sua casca. Não nascem no mundo outros cravos a não ser nos cinco morros dessas cinco ilhas. Encontram-se alguns em Gaiolo e em uma pequena ilha entre Tadore Mutir, chamada Mate, mas não são bons. Víamos quase todos os dias uma neblina circundar um ou outro desses morros, por isso os cravos são perfeitos. Cada um desses povos possui dessas árvores e cada um cuida dos suas, mas não as cultivam. (PIGAFETTA, 1929, p.218-219)

No processo de descrição da planta do cravo, tem-se: a) comparação: “a sua planta é alta como um homem de lado”, “A sua folha é como aquela do louro”; b) descrição das propriedades fisiológicas, com uma representação que envolve os sentidos da visão, olfato, palato: “Quando nascem os cravos são brancos, quando [estão] maduros vermelhos, e secos são pretos”, descrevendo as cores; “A sua folha, a casca e a madeira verdes são tão forte como os cravos”, falando do odor, do cheiro do cravo; “Encontram-se alguns em Gaiolo e em uma pequena ilha entre Tadore Mutir, chamada Mate, mas não são bons”, referindo-se ao gosto, ao palato. Nessa explicitação Pigafetta não necessita de um equivalente ao qual comparar o cravo,

pois é um produto já conhecido na Europa, mas não deixa de dar a sua opinião: pode-se perceber uma velada crítica ao fato de os nativos não cultivarem as plantas de cravos ao deixar com que se desenvolvam espontaneamente: “Cada um desses povos possuem dessas árvores e cada um cuida dos suas, mas não as cultivam. (op.cit. grifo nosso)”. Muitas outras informações enciclopédicas estão explicitadas, tais como a geografia do lugar, o clima, medida de peso, a cultura da planta e a cultura do povo que habita na ilha.

Outro dado interessante é a religiosidade que permeia sempre os relatos. Quando Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil, colocou o nome de monte Pascoal, em referência ao período pascal. Poderia ter colocado qualquer outro nome, homenagear, por exemplo, o rei ou a rainha de Portugal, a sua terra natal, um filho se o tivesse etc., mas o apelo religioso quase sempre prevalece na toponímia desse período. Na descrição acima, Pigafetta bem poderia colocar o mês em que se colhem os cravos simplesmente dezembro e junho, (na “natividade do nosso Redentor, e de São João Batista”, respectivamente), mas emprega datas religiosas para marcar os meses. Em muitas das nomeações toponímicas que se sucedem no decorrer da viagem de circunavegação, está presente o componente religioso, talvez por serem escopos das viagens o mercantilismo e a difusão do cristianismo, movidos que estavam em enriquecer e em converter os pagãos na fé de Cristo. O verbo utilizado para a nomeação do topônimo é quase sempre o verbo chamar:

- 1) “Na maior dessas se encontram pedras preciosas, e se chama Cabo de Santa Maria.” (PIGAFETTA, 1929, p. 86);
- 2) “Ficamos nesse porto o qual chamamos porto de São Júlio” (op.cit. p.98);
- 3) “Aqui, em cima do mais alto monte, colocamos uma cruz em sinal de que essa terra era do rei da Espanha, e chamamos esse monte de Monte de Cristo” (op.cit.p. 100);
- 4) “[...] o cabo o qual chamamos Cabo das onze mil Virgens, pelo grandíssimo milagre” (op.cit.p. 101);
- 5) “[...] por isso que o chamamos o arquipélago de São Lázaro,

por tê-lo descoberto no seu domingo” (op.cit. p. 123).

Vimos nessa exposição que o autor efetua as descrições baseadas no que vê, mas mediadas pela sua percepção do mundo. As descrições das coisas e realidades vêm elaboradas de modo a configurar uma definição que hoje seria considerada enciclopédica, mas que incluem alguns recursos que são próprios da lexicografia quando essa ciência ainda engatinhava. Mesmo que o intuito de Pigafetta não fosse o de definir, mas apenas descrever, pode-se concluir com Nunes, que o léxico descrito pelo viajante,

não é falado pela exegese, pela interpretação de textos, pela filologia antiga. Ele é dito pela voz de um narrador, um comentarista das coisas, um nomeador e legitimador que se multiplica em diversas vozes: a do testemunho pessoal, a do narrador histórico [...] trata-se de um lugar de normatividade para o léxico. NUNES, 1996, p. 83).

Concluimos que os processos de nomeação utilizados pelo narrador-viajante envolvem fatores históricos-sociais, que estão presentes na sua visão de mundo, mas também na linguagem, pois dar um nome à “coisa” é dar-lhe uma identidade, dar-lhe uma existência real e lexical.

REFERÊNCIAS

AULETE DIGITAL. *Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa*. Disponível em: < www.baixaki.com.br/download/aulete-digital.htm >. Acesso em 22. set. 2011.

BERGREEN, Laurence. *Além do fim do mundo*. A aterradora circunavegação de Fernão de Magalhães. Tradução de Ana Luisa Dantas Borges. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As Ciências do Léxico. In: *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Ana Maria Pinto Pires de Oliveira, Aparecida Negri Isquerdo (Organizadoras). 2ª.

ed. Campo Grande: Ed. EFMS, 2001.

_____. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: *As ciências do léxico*. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. Ana Maria Pinto Pires de Oliveira; Aparecida Negri Isquerdo (Organizadoras). Campo Grande, MS: Editora da UFMS, 2001, p. 131-144.

BLUTEAU, Rafael. *Diccionario da língua portugueza*. Lisboa: na oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.

CALVINO, Italo. *Le città invisibili*. Torino: Einaudi, 1972.

GONÇALVES, Filomena. MURAKAWA, Clotilde. Lexicografia implícita em textos de Fernão Cardim. In: *Missionary Linguistics IV Lingüística misionera IV*. Lexicography. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 2007, p. 233-248.

PIGAFETTA, Antonio. *Relazione del primo viaggio attorno al mondo*. A cura di Camillo Manfroi. Milano: Edizioni Alpes 1929.

NUNES, José Horta. *Discurso e instrumentos linguísticos no Brasil: dos relatos de viajantes aos primeiros dicionários*. São Paulo, 1996. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1996.

_____. Formação do léxico e saber linguístico. *Relatos*. Campinas: DL, IEL, Unicamp, n.5, out. 1997. Disponível em: < http://www.unicamp.br/iel/hil/publica/relatos_05.html#formacao >. Acesso: 10. jul. 2011.